



Dom Pedro Casaldáliga, bispo de São Félix do Araguaia, reclama solução de urgência para os índios e os sertanejos da Ilha do Bananal

Casaldáliga acusa êxodo e alarma na Ilha do Bananal

Dom Pedro Casaldáliga, bispo de São Félix do Araguaia, esteve ontem em Goiânia, regressando de uma viagem de sete dias à Ilha do Bananal. Segundo Dom Pedro, esta visita foi realizada em caráter de urgência, convocando a imprensa para comunicar "uma forte preocupação, de êxodo e alarma" que presenciou na Ilha. O êxodo é explicado por Dom Pedro, como "a saída compulsória dos pequenos camponeses que lá vivem".

Dom Pedro disse que lhe inquietava a situação dos índios Karajás e Javaés, donos da ilha. Mas lhe angustia ainda o sofrimento dos 14 mil colonos também moradores da ilha. De acordo com um levantamento feito pela Comissão Pastoral da Terra, esses pequenos criadores com suas famílias somavam de dez a quinze mil. Esses números foram depois endossados por uma pesquisa da Sucam - Superintendência de Combate à Malária, que levantou 1873 moradias na ilha, em 1979. "Presumindo-se que cada família constasse de sete pessoas, temos o total de 13.610 pessoas", argumenta.

Essas famílias, para Dom Pedro, vieram do Nordeste, outros dos estados mais próximos: Goiás, Mato Grosso e Maranhão. "O latifúndio os atirou sobre as terras dos índios, e lá estão pagando impostos à FUNAI por metro de arame esticado, por metro quadrado construído, por cabeça de gado criada". Hoje estão em intensa retirada, principalmente, os que

viviam nas margens dos rios Preto, Jaburu e Riozinho, áreas atingidas pelas enchentes.

TRÊS ENCHENTES

Dom Pedro conta do alarma desses colonos definidos por eles mesmos, como o medo das três enchentes. A primeira seria a natural, dos rios, a segundo seria a dos impostos da FUNAI, e a terceira a ameaça da enchente maior que seria acarretada com a construção do Projeto Rio Formoso. Quanto ao Projeto, diz Dom Pedro que há muita apreensão, pois correm boatos de um segundo projeto maior e mais abrangente e que está conveniado com França e Alemanha.

O Convênio segundo informação obtida por Dom Pedro de técnicos do projeto, prevê plantação irrigada e canalização do Araguaia. Todo volume de água ultrapassaria os limites da ilha, reduzindo a própria reserva indígena em pequenas aldeias, "encravados no meio do projeto". Isto significa para Dom Pedro o fim desses índios que de dez mil no início do século, já estão resumidos em mil e quatrocentos.

Dos colonos Dom Pedro pensa que já saíram este ano quase oito mil, e muito gado também está saindo da ilha, sem previsão de volta. Esse gado, explica, é vendido a grandes fazendeiros de Goiás. Fala Dom Pedro, que em um dos dias em que lá esteve, con-

tou 1.800 cabeças que saíram. E reclama uma solução de urgência ao Incri e à FUNAI, para que estes sertanejos tenham direito à sua terra em outro lugar.

A IGREJA E O GOVERNO

Quando interrogado acerca das relações Igreja e Governo, Dom Pedro desconvorsou e disse que preferiria falar das relações Igreja e povo, ou governo e povo. Acha que injustiças social e política são da alçada da igreja, é por ela consideradas de "pecado", portanto, é natural que a igreja se coloque ao lado do oprimido.

Disse ainda que não se trata de uma briga política, mas sim religiosa. A Igreja "só quer que o Estado se converta". Quanto à insinuação da candidatura do Bispo de Goiás Dom Tomás Balduino ao governo do Estado Dom Pedro disse que isto só pode ser encarado como um elogio a Goiás ou a Dom Tomás. Sobre sua expulsão pedida recentemente por alguns deputados, Dom Pedro afirma que isto não o preocupa. E completa, "o que me angustia é a expulsão trágica do brasileiro de suas próprias terras, do seu feijão".

Concluindo a entrevista, Dom Pedro deixa aos goianos sua mensagem de Natal, "uma mensagem de fé, de tranquilidade ao povo de que a Igreja está apenas cumprindo seu papel. Fé no Cristo que veio pobre, do menino Jesus, um Natal longe do pregado pelos papais Noel e Multinacionais".